



A SUBSUNÇÃO DO EU PURO NA QUINTA INVESTIGAÇÃO LÓGICA E OS LIMITES DA CONSCIÊNCIA PSICOLÓGICA

The Subsumption of the pure ego in the Fifth Logical Investigations and the Limits of Psychological Consciousness

PAULO DE TARSO MENEGON
MAGALHÃES DE CASTRO*

La Subsunción del Yo Puro en la Quinta Investigación Lógica y los Límites de la Conciencia Psicológica

Resumo: Nossa pesquisa pretende elucidar os limites e implicações do eu puro enquanto resíduo do eu empírico nos parágrafos cinco e seis da “Quinta investigação” de Husserl. Para tanto, há que se medir até em que ponto o segundo conceito de consciência interna a qual o eu puro está ligado não sofre de um internalismo substancial fazendo com que o filósofo caia precisamente naquilo que tanto deseja recusar, o psicologismo metafísico dualista. Nesse sentido ver-se-á também a acusação de Husserl estar recaído no antigo dualismo cartesiano.

Palavras-chave: Consciência Interna, Eu puro, Eu empírico, Redução.

Abstract: Our ongoing research aims to elucidate the limits and implications of the pure self as a residue of the empirical self in paragraphs five and six of Husserl’s Fifth Investigation. Therefore, it is necessary to measure the extent to which the second concept of internal consciousness, to which the pure self is linked, does not suffer from a substantial internalism, causing the philosopher to fall into precisely what he so much wishes to refuse, the dualistic metaphysical psychologism. In this sense, we will also see Husserl’s accusation of falling back on the old Cartesian dualism.

Keywords: Internal Consciousness, Pure Self, Empirical Self, Reduction.

Resumen: Nuestra investigación tiene como objetivo dilucidar los límites e implicaciones del yo puro como residuo del yo empírico en los párrafos cinco y seis de la “Quinta Investigación” de Husserl. Para ello es necesario medir en qué medida el segundo concepto de conciencia interna al que está ligado el yo puro no adolece de un internalismo sustancial que haga caer al filósofo precisamente en lo que tanto desea rechazar: la metafísica dualista. psicologismo. En este sentido, veremos también la acusación de que Husserl está volviendo al viejo dualismo cartesiano.

Palabras Clave: Conciencia Interna, Yo Puro, Yo Empírico, Reducción.

* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA. Email: menegon981@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7201-9972>



Introdução

À passagem da noética para a fenomenologia transcendental adumbra-se uma diversidade de passagens que podem ser veiculadas e vinculantes. Nesta condição, o que seria o pórtico menos acessível, mostrou-se um meio possível implicitamente por razão das limitações que o próprio Husserl encontrou em abordar o conceito, o que nos suscitou se darem por conta dos limites internos à primeira fenomenologia e os próprios pedirem, de certa forma, a filosofia transcendental. Será essa a esfera do eu puro que, a princípio, como se sugeriu a pouco não seria a passagem mais viável e frequentada, todavia o que se nos levou a ela foi exatamente as sutilezas dos problemas que ela implica desde o plano psicológico até o transcendental. Suscitará ainda esta passagem a questão de prejuízos se sobre as investigações que precederam correram, apesar de todos os esforços eidéticos, na esteira da consciência natural psicológica ou da consciência reduzida pura.

Se partindo desses pressupostos haverá que se colocar a par do eu puro a consciência, porém o que se resta saber é qual consciência será, a psicológica ou a pura. Primeiro de tudo faz-se necessário tentarmos encontrar qual será a paridade entre consciência e *eu* e para isso agora será também o momento de fazer a digressão e retomar alguns estudos anteriores nos quais se prenunciou as três definições de consciência. Ver-se-á agora que a subsunção do *eu* puro fora uma tentativa de Husserl de fazer deste um *resíduo* da consciência (Moura, 1989).

Faz-se notório saber, desde já, que tratar do eu puro como um resíduo da consciência significará efetuar a estratificação do eu puro a partir do *eu*-empírico. E esta atitude que se instalará o problema limite da primeira fenomenologia, segundo as leituras desta sessão. Numa nota explicativa inserida à segunda edição, Husserl ([1913] 2015, p. 305, N.A.) trata de explicar sua posição frente ao *eu sou* enquanto núcleo fenomenológico da subjetividade que fora *reduzida* ao seu conteúdo fenomenológico para assim assumir seu direto de cidadania fenomenológica. Neste certame, o filósofo reconhece que na primeira edição a constituição do *eu*-empírico seu uma transcendência como são os objetos físicos. Mesmo assim, durante os parágrafos que vão se seguir ao sexto, Husserl ([1913] 2015, p. 304ss), se omitirá a respeito da região transcendente em relação ao eu empírico, na verdade em outras palavras, ele evitará mesmo correlacionar o eu-corpo a qualquer transcendência espacial mesmo porque, as análises se esforçaram por excluir o *eu*-corpo o que será colocado em dúvida se de fato terá sucesso em fazê-lo. Se não precipitamos em localizar, as investigações a respeito de transcendência/ imanência terão lugar naquele texto das cinco lições, de 1907, *A ideia da fenomenologia*, e depois nas *Ideias I* não haverá mais lugar para se tratar de transcendência, tudo sede lugar ao transcendental. Faz-se, de tudo, saber que nas *Investigações* de 1901 (Moura, 1989, p. 115).

De todo modo, este e os outros dois próximos parágrafos apresentarão uma série complexa de problemas derivados que Husserl terá dificuldade em resolvê-los, ao menos brevemente, ao que se poderá ver que serão adiados a longo prazo, seguindo-os por exclusão. Basta-nos agora ver que Husserl indica a evidência indubitável o *eu* puro como *resíduo* da redução do mundo transcendente, ou seja, excluída a transcendência só resta o que é purificado. Isto o que se poderá concluir a partir da seguinte nota alocada à segunda edição:

A exposição deste texto, retirada sem alterações essenciais da primeira edição, não faz justiça à circunstância de que o eu empírico é uma transcendência com a mesma dignidade que a coisa física. Se a exclusão desta transcendência e a redução ao dado *puramente* fenomenológico não retém qualquer eu puro enquanto resíduo, então não poderá também ser dada qualquer efetiva evidência (adequada) da forma “*eu sou*”. Mas se essa evidência efetivamente existe, enquanto evidência adequada – e quem estaria disposto a negá-lo –, como poderíamos dispensar a assunção de um eu puro? Ele é, precisamente, o eu captado na *execução* da evidência do *cogito*, e a execução pura capta-o, *eo ipso*, necessariamente e de um modo fenomenologicamente puro, enquanto sujeito de uma vivência “pura” do tipo *cogito* (Husserl, [1913] 2015, p. 305, N.A.).

I

É no parágrafo cinco que Husserl delimita o segundo conceito de consciência como “*consciência “interna” enquanto percepção interna*” ([1900] 2015, p. 302) sendo, segundo sua atual compreensão, “o segundo conceito de consciência [...] o mais “originário” e [...] “em si anterior”” (Husserl, [1900] 2015, p. 304). Destas presentes conclusões Husserl chegará ao *eu puro* enquanto manifestação fenomenológica da consciência *interna* sendo ela

(...) um modo cientificamente ordenado [podendo] progredir dele, o mais estreito, para o primeiro, mais lato, através da seguinte reflexão: se tomarmos o *cogito, ergo sum*, ou antes o simples *sum*, como uma



evidência que se pode manter contra todas as dúvidas quanto à sua validade, é então compreensível que não será o eu **empírico** que pode passar aqui por eu (Husserl, [1900] 2015, p. 304-305, **grifo nosso**).

Nestes termos o que Husserl está querendo dizer é que se deve partir na descrição primeiramente da segunda consciência (*interna*) fenomenológica para a primeira “consciência do respectivo indivíduo psíquico” (Husserl, [1900] 2015, p. 296) (quando na primeira tentativa de se separar a consciência psíquica [*real*] de sua homônima fenomenológica [*reell*] nas vivências), sendo que o primeiro conceito deveria partir do segundo, ou seja, do conceito propriamente fenomenológico aparece o conceito da experiência comum. Todavia, o que se haverá de questionar é se em ambos os casos a experiência não está presente à descrição, levando-se em conta que, por mais que Husserl tente contornar, a consciência *interna* fenomenológica real [*reell*] ainda será suspeita quanto a sua natureza psíquica.¹ Outra característica que há de ser notada no texto que se destacou, como vimos fazendo frequentemente, é a mudança do termo “empírico” que fora reduzido de “empírico pleno”² na segunda edição, o que nos faz presumir que a primeira Husserl ainda preservava sem sérias imbricações a experiência psíquica na pertinência ao *eu*, ou seja, o eu estratificado da consciência só poderia ser empírico se a consciência for empírica, pois não se poderia retirar nenhuma pureza do que é empírico. De qualquer forma os esforços de Husserl em abstrair da consciência fenomenológica o eu puro parecem não serem satisfeitos e isso mostra antes de tudo a necessidade ocorrente de Husserl em corrigir a primeira edição depois da virada transcendental. Agora há que se averiguar se a purificação do eu de fato aconteceu na primeira redução.

Colocada a dúvida a respeito da natureza científica da consciência interna (Husserl, [1913] 2015, p. 302), conforma Husserl a eleger para conduzir as análises das vivências intencionais durante toda a “Quinta investigação”, depara-se agora com o que seria o centro essencial da tomada da consciência em atitude descritiva, esse centro será a primeira redução fenomenológica que Husserl opera segundo a ideação das vivências. Nota-se, entretanto que a estreiteza desse caminho é tão sinuada que precisamente naquela passagem que o filósofo pela primeira vez desenvolve a *viragem* eidética dos conteúdos *descritivos* aos conteúdos *intencionais* nos vividos de consciência, há que se colocar em questão a validade científica desta primeira redução e que se interessa neste caso é se esta redução de fato alcança a subtração psicológica do *eu puro* (Husserl, [1913] 2015, p. 342).

Neste segmento Husserl está por balizar a descrição dos momentos dos vividos de consciência psicológica para deles filtrar a pureza ideal interessante a fenomenologia, reproduzindo aquele movimento que se acabou de arrolar, de se alcançar da primeira consciência psicológica a aquela segunda fenomenológica “purificada” (*interna*). Este movimento consistiria em dispor o *eu puro* idêntico ao eu psíquico correlativo. Nisso “constitui, por conseguinte, o conteúdo **fenomenológico** do eu, do eu empírico no sentido do sujeito anímico. Da redução ao fenomenológico resulta esta unidade da “corrente de consciência”, realmente em si mesma [...]” (Husserl, [1913] 2015, p. 306, **grifo nosso**). Antes de tudo, chama-se aqui atenção para os destaques inseridos no texto, destaques que o próprio Husserl sinaliza ao mudar o texto na segunda edição. A importância de prestar-lhes atenção, que não seja repetitivo dizê-lo, deve-se ao motivo de notar o esforço de Husserl em apropriar as *Investigações* ao contexto de *Ideias I* e estamos convencidos, como já demonstramos várias vezes, de que as presentes *Investigações* se mostraram insuficiente antes ao projeto da fenomenologia pura transcendental, somente essa razão já sustentaria nossa sugestão de que as tentativas de se alcançar qualquer pureza, aqui precisamente ao eu, foram fracassadas. Voltando ao que se destacou, leu-se que **fenomenológico** é acréscimo da segunda edição, apontando que na primeira edição a distinção entre conteúdo psicológico e conteúdo fenomenológico importava tanto quando na segunda edição.

¹ Moura nos sustenta com sua tese geral a respeito da conservação do *imanentismo* real [*reell*] da consciência na fenomenologia das *Investigações*, daí que para nossos efeitos a localização do segundo conceito de consciência *imane*nte, como que de certa forma reabilita a consciência psicológica emagrecida na redução e ao invés de um eu psíquico haveria um eu fenomenológico apenas transvestido pela descrição de essências, mas que no fundo conservaria resquícios de sua homônima psicológica. Ao recusar o eu empírico Husserl recusa a apropriação metafísica da constituição da consciência aparecida no *eu* e daí adiou-se para enfrentamentos futuros (como n’*A Ideia da fenomenologia*) as deliberações árduas a respeito de imane/te/transcendente. Se nas *Investigações* a imanência real [*real*] e a transcendência real [*real*] estão resolvidas por exclusão de domínio científico pertinentes a fenomenologia, enquanto a primeira é circunscrita ao objeto da Psicologia e a segunda ao objeto da Metafísica, pode-se dizer que o problema geral está resolvido em partes porque na fenomenologia ainda haveria que se reacomodar a *imanência* real-fenomenológica [*reell*] da consciência pura, ou mais especialmente o *eu-transcendente*. E lá não haverá mais espaço para qualquer tipo de transcendência, pois tudo estará subsumido ao domínio transcendental da consciência, que não é nenhum *dentro* e nenhum *fora de nada*. Por isso, a primeira redução do *imane*nte psicológico do *eu* seria quase retórica frente a radicalidade da redução transcendental. Mas deixa-se tais desenvolvimentos para próximos momentos, aproveite-se apenas a medição do alcance pretendido. Leia-se: “Para a fenomenologia de 1901, se a crítica da psicologia empírica não permite mais falar de um *eu* e assim não permite mais falar de uma imanência psicológica, a *reale Immanenz* não será ainda a recusa da *reelle Immanenz*, e a inadequação da oposição entre o “em *mim*” e o “fora de *mim*” não implicará ainda em uma recusa da oposição entre o *interior* e o *exterior*. E Husserl afirma nas *Investigações* que a fenomenologia evita a oposição interior e exterior, é apenas enquanto essa oposição é interpretada metafisicamente. O fenômeno não vai decidir sobre a *natureza* do objeto transcendente, ele não oporá imanência e transcendência como se opõe o interior ao exterior metafisicamente considerados, assim como Descartes opunha a consciência à *res extensa*, decidindo de antemão sobre seu ser em si. Mas se “metafisicamente” essa oposição não é válida, “tecnicamente” ela ainda o será, e é por isso que o fenomenólogo poderá insistir em que os conteúdos da consciência são apenas os vividos que formam suas partes reais, e jamais os objetos, que permanecerão sempre realmente separados e exteriores à consciência, sem atribuir a isso qualquer interpretação metafísica. Esse resultado é uma consequência inevitável da “purificação” fenomenológica, tal como Husserl a exerce, por exemplo, em relação aos atos ou vividos intencionais: dados na esfera psicológica, eles tornam-se “*puramente* fenomenológicas” quando a ideação elimina “toda apreensão e posição de existência psicológico-empírica”; mas uma vez efetuado esse passo, entra em consideração para o fenomenólogo apenas o “conteúdo fenomenológico-real (*reell*) desses atos” (LUII/1, 369), a esfera da imanência real que define o campo da consciência fenomenológica assim como já definia o da consciência psicológica. Quer a subjetividade seja psicológica, quer seja “pura”, ele terá sempre o objeto no exterior de si, ela sempre se definirá como uma “imanência real” por oposição a uma “transcendência real” (Moura, 1989, p. 116-117).

² Husserl [1913] 2015, p. 304, N.T.



Mencionado, pois, o caráter científico importante à pretensão a esta primeira redução, entende-se, como já ficou patente, que Husserl tem, antes de mais, duas tarefas a fazer: descrever segundo a vivências reais [real] o caráter psicológico do eu empírico e depois estratificar pela análise fenomenológica o eu puro. Todavia, o problema que se apresentou é se a presente redução teria condições de operar a purificação eidética do eu até mesmo porque

Husserl parte dessa consciência psicologicamente decifrada para empreender a “purificação” que levará à subjetividade fenomenológica. *Mas sabe-se que essa “purificação” – muito distinta daquela que será, posteriormente, a purificação “transcendental” – se resumirá, na verdade, a um duplo movimento: a abstração do corpo e a consideração da essência dos vividos, e não destes vividos como fatos individuais* (Moura, 2006, p. 42, grifo nosso).

Mas, ainda assim com um detrito psicológico. Mesmo porque se a pureza a qual Husserl almeja alcançar nas *Investigações* tivesse obtido êxito, o que restaria a redução transcendental purificar? Tal resposta não pode ser obtida nesta obra, como se verá, além do mais Husserl não traz para a revisão da segunda edição nenhum acréscimo ou adendo que mencione a *epoché* fenomenológica.

À guisa de um *em si mesmo*, que não seria outra coisa senão aquela estrutura pura do eu inscrita na subjetividade, Husserl busca uma unidade essencial entre duas esferas distintas recipiente à subjetividade. Se partindo do eu-corpo que dever ser retirado da descrição das vivências não poderá sobrar nenhum fato empírico para ser reenviado ao conteúdo de consciência enquanto instância intencional do direcionamento perceptivo. Ou seja, a percepção, agora aquinhoadada ao essencial vivido e não ao fático não é dependente de um corpo orgânico, mas ela está para além de uma estrutura natural. Que Husserl tenha deixado isso claro, ao que se mostrará em breve não haverá dúvida.

II

Esta tentativa de Husserl em separar o *eu*-puro do *eu*-empírico, a consciência psicológica da consciência fenomenológica tornou-se tão complicada e quase incompreensível por causa de Husserl sublocar uma *inter-nalidade* da consciência no eu empírico e dela querer retirar algo de ideal e essencial. O filósofo chegou a acusar uma tentativa de “diferenciação” (Natorp citado por Husserl, [1913] 2015, p. 310) (empregada por Natorp), dos conteúdos de consciência que fizesse do *eu* empírico “objeto no sentido de coisas” (Husserl, [1900] 2015, p. 310), o que seria hereticamente condenável, e ao contrário disso deveria se tomar o *eu* fenomenológico enquanto objeto de conhecimento aparente a partir do “viver subjetivo” [...] “Estar-consciente é relação com o eu” (Husserl, [1900] 2015, p. 309). Estas diferenciações que fazem do conteúdo objeto concreto, psicofísico que seja, seriam pertinentes somente no campo da definição da Psicologia científica, a qual por mais que se auto compreenda frutífera e acabada, Husserl crítica e rejeita.³ Para Husserl o *eu* e a consciência jamais podem se tornar objetos. Neste sentido a única diferenciação possível à maneira da redução é aquela que “o núcleo fenomenológico do eu (do eu empírico) é, com isto, formado por atos que lhe “trazem à consciência” objetos, “neles” o eu “dirige-se” para o objeto respectivo” (Husserl, [1900] 2015, p. 311).

Mas então que seria essa diferenciação senão uma distinção entre conteúdos psicológicos e conteúdos fenomenológicos da consciência? Mesmo se fosse uma só e mesma coisa pertinente a redução, Husserl parece não aceitar essa terminologia e prefere rejeitá-la à revelia da análise fenomenológica do eu empírico, considerando satisfeita a objetividade enquanto “se, sob o título de “conteúdo”, é, porém, visado um objeto qualquer para o qual a consciência se dirige segundo o modo da percepção, da imaginação, da recordação, do representar conceitual ou do predicar, etc.” (Husserl, [1913] 2015, p. 311). E dirá também mais, que “esse eu centro de referência essa relação determinada do eu com um conteúdo seria, enquanto expressamente notada, também objetivamente dada” (Husserl, [1913] 2015, p. 311) tanto para a Psicologia quanto para a Fenomenologia. Por isso, em fim de conta parece que o problema da diferenciação entre conteúdo e objeto do lado da fenomenologia parece em não persistir como problema maior enquanto ponto de passagem do eu empírico ao eu puro.

³ Entre o parágrafo seis e oito houve um sétimo parágrafo que por questões interessantes Husserl decidiu por riscar na segunda edição de 1913, mesmo assim é oportuno para ao menos um alcance da compreensão da separação entre o objeto físico e o objeto intencional e de forma mais alargada a separação das Ciências da natureza e Psicologia. Nesta discussão a que Husserl se encontra faz-se presente o problema do fenomenismo que circunscreve os conteúdos da percepção e concomitante da intenção, no melhor dos casos a uma espécie de objetivismo, ou seja, a coisa física visada na vivência intencional e na percepção é uma e mesma coisa com o fenômeno. Ao contrário disso, Husserl fica nestes anos do lado da Psicologia descritiva aí adstrita a fenomenologia, cabendo, pois, a descrever os “conteúdos de consciência [que] são conteúdos do eu, e, assim, terá ela também a tarefa de investigar a essência real [real] do eu [...], a composição de elementos psíquicos num eu e, mais além, o seu desenvolvimento e desaparecimento” (Husserl, [1900] 2015, p. 307). Husserl vê nos encaminhamentos atuais (séc. XIX) entre o fenomenismo objetivista o perigo funesto para a Psicologia embarcar no objetivismo que não distingue entre vivência e objeto. É interessante notar que além de fenomenista a Psicologia científica incorreria em outras tendências discursivas conflituosas e dadas, de certo modo, por encerradas por qualquer ciência que acompanhasse o decurso dos tempos, tais discursos são os metafísicos, cumprindo “a exigência de uma “*Psicologia sem alma* [...] correspondente a exigência de uma “*Ciência da Natureza sem corpos*” (Husserl, [1900] 2015, p. 309), sendo ainda fenomenismo. É aí estritamente aqui, entre Psicologia e sua tendência naturalista objetivista que o filósofo de *Investigações* demarca a encruzilhada de separação das ciências e a fenomenologia seria “tecnicamente” a terceira via, à ela cumprirá a tarefa de separação entre ciência natural e ciência psíquica, entre vivência e não vivência. “A separação deve repousar sobre fundamentos puramente fenomenológicos” (Husserl, [1900] 2015, p. 308) e de tudo que se colheu no interior do cumprimento da própria Psicologia não sobrou mais nada que não fosse “a definição da Psicologia como ciência dos fenômenos psíquicos [que] não deve ser compreendida de modo diferente da definição da Ciência da Natureza, enquanto ciência dos fenômenos físicos” (Husserl, [1900] 2015, p. 308)



Porém, se insistimos, resta a pergunta: em que sentido a fenomenologia aceita objetividade do conteúdo descritivo da vivência que, a princípio, fora credenciado pela psicologia? Se a resolução do problema persiste não satisfeita há que se perguntar se essa não objetivação do eu no sentido de transformá-lo em objeto reificado seria também uma recusa àquela objetivação científico-natural. Conceição responderia a isso dizendo que “para Husserl *“o eu no seu sentido habitual é um objeto empírico”*, como qualquer coisa física sujeita à intervenção científica” (Conceição, 2017, p. 18) e diferente disso o eu puro não é mais objeto no sentido físico, mas unicamente no sentido de conteúdo de consciência captáveis eideticamente. “Ou seja, ele não possui outra unidade senão aquela que lhe é dada pela própria consciência. Além disso, se separarmos o eu do seu conteúdo empírico descobrimos que a ele não corresponde nenhum “conteúdo” de consciência” (Conceição, 2017, p. 18) porque os conteúdos objetivos do psiquismo intencionados aos objetos reais não podem ser os mesmos conteúdos essenciais da consciência pura fenomenológica, ainda que, como se verá, Husserl acabe por se render a ambos igualmente. De qualquer modo esse problema científico-objetivo do *eu-empírico* irá com ele à exaustão.

Para clarificar a situação, não posso encontrar aqui nenhum outro caminho senão submeter a uma análise fenomenológica o eu empírico e a sua relação empírica com os objetos; daí resulta, então, necessariamente a concepção que defendemos acima. Eliminamos o eu-corpo, que aparece como uma coisa física tal como qualquer outra, e consideramos o eu espiritual, empiricamente a ele ligado, e que aparece como lhe pertencendo. Reduzido ao dado fenomenologicamente atual, ele fornece a complexão acima descrita de vivências captáveis reflexivamente. Esta complexão comporta-se, relativamente ao eu anímico, analogamente a como, na percepção, o lado visto de uma caixa externa percebida se relaciona com a coisa no seu todo. A relação intencional consciente do eu com os seus objetos não posso compreender de um modo diferente do que dizendo que **pertencem à consistência fenomenológica total da unidade de consciência precisamente essas vivências intencionais em que o eu-corpo, o eu enquanto pessoa espiritual e, assim, o eu-sujeito empírico por inteiro (eu, o homem) é um objeto intencional**, e que estas vivências intencionais constituem, ao mesmo tempo, um núcleo fenomenológico essencial do eu fenomênico (Husserl, [1913] 2015, p. 310-311).

Esta passagem, embora continue sendo enigmático em sentido estrito, pode ser elegida como a mais importante dentre todo o parágrafo oito precisamente porque Husserl pretendeu com clarear todo aquilo que fora investigado a respeito da passagem do eu empírico ao eu puro. Nota-se bem que esta redução, como deve ser corretamente chamada consiste em analisar os fenomenologicamente os conteúdos do eu psíquico em sua relação intencional com os objetos da apreensão perceptiva. Veja-se que Husserl joga com diversos conceitos fenomenológicos e que de certa forma não será possível levá-los a uma maior compreensão neste parágrafo, embora eles tenham seus lugares no restante das *Investigações*. Mas com isso quer-se ver que Husserl parece um pouco inseguro com os encaminhamentos desta investigação e isso não fica difícil de se notar se se toma em primeiro lugar, o que mais nos salta à vista, a recolocação da objetividade, que no começo da passagem era colocada como externa ao eu empírico e ao final Husserl a circunscreve à constituição própria do *eu* empírico que agora é identificado ao objeto intencional, o que fica-se por entender, ao que o próprio Husserl não dará melhor explicações, ainda que este objeto intencional convenha ser entendido não como aquele objeto físico no sentido de coisas, mas sim no sentido de conteúdo da visagem intencional a um objeto.

Com isso entende-se que o comprometimento intencional com o eu empírico continua aqui por mais que Husserl parece reduzi-lo. Constata-se, pois, que embora o eu empírico (eu-corpo, eu anímico, empírico, -ver alemão) seja reduzido ou se melhor aparece do outro lado da viragem um homônimo espiritual, mas que continua, embora não sendo o eu psíquico, sendo correlato empírico análogo. Aqui está o comprometimento daquela primeira purificação eidética que Husserl empregou há pouco tempo, como se viu. Destarte, nada impede de se afirmar que a correlação intencional entre o objeto intencionado e o eu empírico seja um resíduo psicológico da intencionalidade, isto é, para além de todos os esforços a intencionalidade da consciência ainda persiste na atitude natural empírica; o que não será possível na atitude transcendental. Husserl parece aqui, de certa forma, reaproveitar os conteúdos de consciência psicológica estratificados para a constituição do eu puro, mas, no entanto, o que se tem no *eu puro* não é mais nenhum conteúdo real [*real*], e sim unicamente a intencionalidade. Pode-se dizer que a intencionalidade é a constituição essencial do *eu puro* porque é o exercício reflexivo de abstração do *eu-corpo* (*eu-empírico*) e não mais uma percepção psíquica do objeto intentado numa vivência.

Todavia, o que se frisou na última passagem, conforme fora transcrita na segunda edição, para além da intencionalidade das vivências concernentes a propriedade do eu fenomenológico, foi o falseamento que Husserl comete em fundir na unidade nuclear dos conteúdos de vivência as propriedades do eu como sendo uma duplicata, “*eu-corpo, eu-espiritual, eu-sujeito*”, como se pela análise fenomenológica se pudesse acessar diversas regiões idênticas ou menos idênticas de um eu multifacetado e com isso pondo-se em risco as distintas constituições essências do eu então duplicado. Se e eu-corpo continua sendo a base de conteúdo para o eu fenomenológico, então, como já se acusou há pouco, a redução não pode ser completo, porque não seria possível extrair do empírico o essencial. E por fim, sob a égide da intencionalidade Husserl acaba por reunir numa complexação.



Seria esse falseamento um dualismo à moda cartesiana pelo qual Husserl logrou prejuízos a sua primeira redução? É o que defenderá Moura (1989):

Ora, se a consciência é obtida por abstração, a passagem do fato à essência não me dará senão o *eidós* de uma *camada do mundo*. Nas *Investigações*, o procedimento de Husserl assemelha-se ao de Descartes, quando este fazia segregação da alma frente ao corpo. Eis porque a fenomenologia de 1900 incorrerá nos mesmos erros de Descartes. A consciência sobre a qual ela labora é um resíduo do mundo, assim como a alma cartesiana será o resíduo da abstração do corpo. A consciência e o corpo formam uma unidade psicofísica, ambos são camadas pertencentes ao mundo, separados apenas metodicamente (p. 127).

Resta-nos agora saber se de fato pode se alcançar uma purificação adstrita da consciência em relação a sua homônima psíquica. Tais medidas só poderão ser feitas a partir da virada transcendental que recobrará para si, antes de tudo, o estatuto puro da consciência que desejou-se alcançar nas *Investigações*, mas que há que se perguntar se fora efetivado. Tal dúvida surge precisamente quando Husserl regride à tematização da psique insinuando uma convalidação da estrutura psicofísica como predisposição da consciência pura. Com tal incurso todas as camadas intencionais investigadas deverão ser reavaliadas a partir da filosofia transcendental.

Destarte, estas últimas suspeitas levantadas surgiram a partir da inquirição da estrutura do *eu puro* interna à consciência que em *Investigações* permaneceram inacabadas. Notar-se-á logo que com tal insuficiência vários conteúdos da primeira fenomenologia poderão ser afetados por uma mesma insuficiência da cientificidade possível que Husserl está a perseguir. Não é em vão que Husserl sede ao esgotamento do domínio da esfera do eu puro nesta *Investigações*, aqui ele parece se dar conta de que não é o lugar de expor a pureza fenomenológica eu talvez porque faltasse ainda a ascensão transcendental para se viabilizar a cientificidade possível do eu puro. Ver-se-á ainda que, ao que nos pareceu nessa tópica tão destacada das demais vias de acesso a consciência intencional, o desfecho da objetividade intencional enquanto tomo de cientificidade fenomenológica pareceu também ser colocado em suspensão, no sentido da relação entre intenção e objeto físico, como fora passado há pouco e se esta correlação fora nada mais que uma predisposição psíquico-real [*real*] apresentada pela consciência. A verdade é que nestes textos aqui perseguidos e principalmente no que se seguirá Husserl pareceu inseguro da natureza de tais análises, se reais ou puras (ideias), até mesmo por causa do contínuo recurso a uma descrição empírico-psíquica correlativa aos dados intencionais atinentes ao eu puro e, se levado em conta também que o presente texto seja um adendo da segunda edição que, como bem se sabe, trata-se de revisões críticas que Husserl submeteu a todas as *Investigações Lógicas* em vista da filosofia transcendental. Por isso Husserl fecha essa tópica indeciso a seu respeito. É o que se lê ou quanto muito se deixa transparecer:

Adendo à segunda edição. Seja expressamente sublinhado que a minha tomada de posição, aqui realizada (e que já não aprovo, como já o disse), a respeito da questão do eu puro *permanece irrelevante para as investigações deste volume*. Por mais importante que seja essa questão, e por mais que o seja também enquanto questão puramente fenomenológica, esferas de problemas extremamente latas da Fenomenologia, que tocam, numa certa generalidade, os conteúdos reais das vivências intencionais e as suas relações de essências com os objetos intencionais, podem ser submetidas a uma investigação sistemática sem que se tenha de tomar, em geral, posição sobre a questão do eu. As investigações presentes limitam-se exclusivamente a estas esferas (Husserl, [1913] 2015, p. 312).

É seguindo esta “insegurança” de Husserl, que pode ser lida através do assumi-la como *irrelevante*, que a pureza da subjetividade configurativa ao *puro eu* nas *Investigações* se dará como que terminada, por falta de se alcançar os princípios transcendentais da consciência reduzida pela *epoché*. Isso leva a esperar que a correlação intencional entre objeto e consciência alcance uma região que não pode mais ser medida espaço-temporalmente e, ao contrário disso, vise o “acontecer” do fenômeno descrito na vivência, por uma única vez, no fluxo da consciência transcendental.

Considerações Finais

Cabe-nos agora lastrear quais dificuldades se impuseram a partir da tópica do *eu puro* em *Investigações*, veremos também que essas medidas serão a via possível para a viragem transcendental. Por estas razões, partindo para a última fronteira que delimita a noética da transcendental o problema que nos é apresentado, é o da subjetividade pura ou do *Eu puro* que culminará no eu transcendental que amalgamará a nossa passagem para a filosofia transcendental.

Não se concluiria este capítulo sem levantar mais perguntas do que afirmar respostas:

[...] quais os motivos dessa virada transcendental? Por qual razão o eu puro, do qual, como vimos, não podemos encontrar uma referência nem função no quadro da fenomenologia descritiva, se transmuda em algo necessário a uma nova fenomenologia [...]? Para dar respostas a essas questões é que nos parece



necessário analisar o paralelismo entre o desenvolvimento do programa da fenomenologia e o papel nele assumido pela subjetividade na figura do *Ego* transcendental (Conceição, 2017, p. 26).

Delimita-se, assim, pela via do *eu puro*, o limite entre a noética e a fenomenologia transcendental.

Referências

- Conceição, S. A. (2017). A correlação entre a noção de subjetividade e o desenvolvimento do programa da Fenomenologia em Husserl. *Intuitio*, Porto Alegre, 10 (2), 21-51. Acesso em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/29501>>
- Dilthey, W. (2008). *Ideias acerca de uma Psicologia Descritiva e Analítica*. Trad: Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior/ LusoSofia: press. (Coleção: Textos Clássicos de Filosofia) Acesso em: < https://www.lusosofia.net/textos/dilthey_wilhelm_psicologia_descritiva_e_analitica.pdf>
- Fisette, D. (2003). *Husserl's Logical Investigations Reconsidered*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Husserl, E. (2015). *Investigações Lógicas: Segundo Volume, parte I: investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento*. Trad. Pedro M. S. Alves, Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Forense.
- Husserl, E. (1980). *Investigações lógicas: sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento*. Trad. Zeljko Loparic e Andréa M. A. C. Loparic. São Paulo: Abril Cultural.
- Husserl, E. (1984). *Logische Untersuchungen. Zweiter Band - I. Teil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis*, Husserliana XIX/1. Nijhoff, Den Haag.
- Moura, C. A. R. de. (1989). *Crítica da razão na fenomenologia*. São Paulo: Nova Stella EDUSP.
- Moura, C. A. R. de. (1998). Cartesianismo e Fenomenologia: exame de paternidade. *Analytica - Revista de Filosofia*, 3(1), 195-218. Recuperado de <https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/427>
- Moura, C. A. R. de. (2006). Husserl: significação e fenômeno. *DoisPontos*, 3(1). doi:<http://dx.doi.org/10.5380/dp.v3i1.5172>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/5172>
- Moura, C. A. R. de. (2007). Husserl: Intencionalidade e fenomenologia. *Mente, Cérebro & Filosofia*. São Paulo, jun. p. 06 -15.
- Porta, M. A. G. (2004). A polêmica em torno ao psicologismo de Bolzano a Heidegger. *Síntese: Revista de Filosofia*, 31 (99), 107-131. DOI: <https://doi.org/10.20911/21769389v31n99p107-131/2004>. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/364>
- Sacrini, M. (2018). *A cientificidade na fenomenologia de Husserl*. São Paulo: Edições Loyola.
- Tourinho, C. D. C. (2014). A “concessão dolorosa” de Husserl na segunda edição de Prolegômenos: a ideia de verdade em si. *Revista De Filosofia Aurora*, 26(39), 563–580. <https://doi.org/10.7213/aurora.26.039.DS05>. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/565>

Recebido 20.01.2023 – Primeira Decisão Editorial em 23.06.2023 – Aceito em 05.10.2023